

## FERRAMENTAS SUBJETIVAS EM UMA METODOLOGIA SICOEDUCATIVA PARA A FORMAÇÃO DE TRABALHADORES<sup>1</sup>

### SUBJECTIVE TOOLS IN A PSYCHOEDUCATIONAL METHODOLOGY FOR TRAINING AND RELATIONSHIPS OF WORKERS

Francisco Silva Cavalcante Junior<sup>2</sup>  
Márcio Silva Gondim<sup>3</sup>

#### Resumo

No contexto contemporâneo, percebe-se uma dinâmica nas relações capitalistas de produção, direcionadas às solicitações do mercado de trabalho, sem atentar às necessidades humanas dos trabalhadores. Desse modo, o presente estudo relaciona-se ao debate em torno da formação humana, apresentando dados de uma investigação realizada junto a trabalhadores, por meio do *Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos* (MC), método agraciado com o Prêmio ILÍMITA 2005 de Fomento à Leitura na América Latina e no Caribe. O MC é uma abordagem psicoeducativa de desenvolvimento humano, que por meio dos múltiplos modos de expressão da palavra, objetiva desvelar potenciais subjetivos dos indivíduos. A investigação teve como intuito verificar as repercussões da utilização desse Método no desenvolvimento humano de trabalhadores de uma grande organização nacional. Foi uma investigação qualitativa de abordagem etnográfica, sendo utilizados como instrumentos para a coleta de dados a observação participante, entrevistas reflexivas e semi-estruturadas. Foram realizados oito encontros semanais em um período de dois meses com o grupo de trabalhadores. Verificou-se que os trabalhadores, integrantes do grupo, compartilharam ferramentas subjetivas trazidas consigo, encontrando um espaço seguro para se manifestarem, contemplando as diversificadas expressões humanas. Desse modo, o presente estudo objetivou contribuir à formulação de uma proposta psicoeducativa de formação humana voltada à classe trabalhadora.

**Palavras-Chaves:** subjetivação; formação humana; letramentos

#### Abstract

In the present context, a dynamics in the capitalist relations of production is perceived, directed to the requests of the work market, without attempting to the human needs of the workers. In this way, the present study is geared towards the debate around the formation of the human being, presenting data from an inquiry conducted with workers, by means of the (Con)text Method of Multiple Literacies (MC), a method which was awarded the Prize ILÍMITA 2005 of Promotion to the Reading in Latin America and the Caribbean. The MC is a psychoeducational approach to human development, that by means of the multiple ways of expression of the word, aims at revealing the subjective potential of the individuals. The inquiry had as its goals to verify the repercussions of the use of this Method in the human development of workers of a large national organization. It was a qualitative ethnographic inquiry, which used as instruments for data collection, participant observation, reflexive and

semi-structured interviews. Eight weekly meetings in a period of two months with the group of workers was researched. It was verified that the workers, members of the group, shared their subjective tools, finding a space safe to be disclosed, contemplating the diversified mode of expressions of human beings. In this way, the present study aimed at contributing to the construction of a proposal for psychoeducational training of human development for workers.

**Key-words:** Subjectivation – Work relationships – Human development

Através do exercício constante de ler o mundo e de ler a si mesmo, a participação de trabalhadores em Círculos de Letramentos (grupos em que se utiliza o *Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos*), conforme a proposta de pesquisa-ação do tipo etnográfico, configura-se como uma iniciativa de relevância social, que visa à prevenção das múltiplas patologias que vêm sendo construídas por práticas opressoras em diversos contextos no Brasil. A presente investigação deseja contribuir à construção de uma prática psicoeducativa saudável e despatologizante, que ajude os sujeitos a compreenderem e superarem as forças opressivas que os impedem de serem livres e construtores das subjetivações deles.

O *Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos* começou a ser concebido em 1994, em um Programa de Doutorado em Leitura e Escrita na *University of New Hampshire* (CAVALCANTE JR.,2000), sendo compreendido como uma prática psicoeducativa libertadora de desenvolvimento humano, que através das múltiplas formas de expressão estética da palavra visa resgatar os potenciais oprimidos no ser humano, para uma livre comunicação e expressão de idéias, pensamentos e sentimentos, capacitando-o como agente de *transformação* (ação para além das formas e fôrmas) pessoal, grupal e social.

Ainda em 1998, o método passou a ser aplicado nas vilas olímpicas de Fortaleza, em um projeto da Fundação Demócrito Rocha financiado pela Secretaria de Cultura do Estado, com jovens e adultos residentes nos bairros de Castelão, Conjunto Ceará, Genibaú e Messejana (CAVALCANTE JR. & PEREIRA, 1998). Em 1999, o método amplia os seus campos de atuação, chegando à sala de aula universitária da Universidade de Fortaleza - UNIFOR (CAVALCANTE JR., 1999, 2000, 2001) e às salas de aula de escolas públicas do município de Itapajé (BRAGA, 1999; CAVALCANTE JR., 1999/2000, CAVALCANTE JR., 2001). Em 2005, o *Método (Con)texto de Letramentos*

*Múltiplos* foi agraciado com o Prêmio ILÍMITA<sup>4</sup> 2005 de Fomento à Leitura na América Latina e no Caribe, tendo sido objeto de estudo de pesquisas de Mestrado, com os trabalhos realizados por SILVA (2002); D'AGUIAR (2002); ARAÚJO (2003); DE PAULA (2003) e RODRIGUES (2003), que aplicou o Método (Con)texto para o desenvolvimento de trabalhadores em uma grande empresa nacional e sendo a investigação na qual este presente trabalho se fundamenta empiricamente, em uma releitura e proposta psicológica.

A aplicação desse método em um contexto organizacional teve o intuito de convidar os trabalhadores participantes de um grupo (nesta proposta denominado de Círculo de Letramentos) a se tornarem leitores de mundo (FREIRE, 1985, 1993; FREIRE & MACEDO, 1987) e a compreender por que eles fazem o que fazem nas suas vidas, trazendo a um nível de consciência as suas próprias condições culturais e históricas. Essa tomada de consciência leva-os a uma libertação das experiências opressivas e dominadoras (FREIRE, 1987) e cria um espaço de empoderamento, compreendido por Delgado-Gaitan (1996) como "um processo de revelação dos potenciais de uma pessoa, através da reflexão coletiva e diálogo contínuo, onde as diferenças cedem espaço para propósitos e objetivos comuns -- conseqüentemente, transformando vidas" (p. 11).

Tendo em vista que a investigação foi pautada no uso da escrita, compreendida aqui como os múltiplos letramentos humanos, vale destacar a relevância da pesquisa da escrita e letramentos, que tem sido objeto de investigação científica em várias partes do mundo. Nos Estados Unidos, destacam-se os trabalhos do psicólogo James Pennebaker, Ph.D., da *University of Texas*, que defende a tese de que a escrita pode contribuir para a melhoria da saúde física e mental de um sujeito. Uma compilação de mais de três décadas de pesquisas é encontrada no livro *Opening up: The healing powers of expressing emotion* (PENNEBAKER, 1997). Um outro estudo norte-americano (SMYTH, 1999) desenvolvido pelo psicólogo Joshua Smyth, Ph.D., da *North Dakota University* com colaboradores da *State University of New York at Stonybrook*, mostra que escrever sobre experiências estressantes reduz os sintomas físicos de pacientes com doenças crônicas. Na Europa, ganham destaques os trabalhos de pesquisas desenvolvidos na Grã Bretanha, especialmente, a do médico inglês Gillie Bolton da *Sheffield University*. Bolton

(1999) defende que todo triunfo, desastre ou alegria da vida de uma pessoa é uma história que espera ser escrita. Responsável pela criação de um método de escrita reflexiva, Bolton vem desenvolvendo pesquisas sobre o efeito da escrita na prática médica e alguns desses resultados são descritos no livro *The therapeutic potencial of creative writing: Writing myself* (Bolton, 1998). Neste presente trabalho, o recorte a ser trabalhado consiste na aplicabilidade do Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos em um contexto organizacional, junto a trabalhadores, com o objetivo de estudar uma pesquisa-ação que facilite aos trabalhadores a possibilidade de um desenvolvimento pessoal e profissional, analisando o processo de desenvolvimento dos sujeitos participantes desta investigação.

## **Metodologia**

Na pesquisa foi acompanhado um grupo de trabalhadores, durante 8 (oito) semanas, com 1 (um) encontro semanal de 3 horas de duração, totalizando 24 horas/atividade por Círculo de Letramentos. Os Círculos foram formados por trabalhadores de uma grande empresa nacional, voluntários, de gênero, classes sociais e níveis de escolaridade diversos, respeitando o princípio básico da heterogeneidade do Método (Con)texto (Cavalcante Jr., 2001). A forma de condução da investigação qualitativa, enquadra este estudo na categoria de uma investigação do tipo *etnográfica centrada na pessoa* (Wolcott, 1999) e em uma proposta de pesquisa-ação (Stringer, 1999).

Em um Círculo de Letramentos, os participantes são convidados a compreender por que eles fazem o que fazem nas suas vidas, trazendo a um nível de consciência as suas próprias condições culturais e históricas. Essa tomada de consciência leva-os a uma libertação das experiências opressivas e dominadoras que tolheram os seus múltiplos potenciais, promovendo uma conscientização dos seus próprios valores culturais e a sua tolerância para com os diferentes jeitos de ser das muitas pessoas com quem convivem nos seus encontros diários. Contudo, somente a tomada de consciência do porquê de os participantes fazerem o que fazem nas suas vidas não é suficiente para sustentar um processo de conscientização em um Círculo de Letramentos. Eles precisam se sentirem autores do processo de transformação da consciência

em ação. Para que essa transição aconteça, precisam tirar de dentro deles as ferramentas que já existem e que permitirão o expressar de suas idéias e sentimentos.

Nos Círculos, os participantes descobrem que existem múltiplas formas de representação do mundo (poliforma) e muitas ferramentas (letramentos múltiplos) a serem escolhidas. O processo psicoeducativo se torna um produto da aprendizagem da leitura e composição de mundo, de modo que os participantes utilizem as múltiplas ferramentas partilhadas no grupo, que darão uma nova forma a cada pessoa participante do processo de empoderamento.

Vale destacar que o conceito de letramentos que estamos aqui apresentando defende que não existe somente uma única forma de ser letrado em um determinado contexto cultural. Ser letrado é ser capaz de usar as múltiplas ferramentas disponíveis para se ler e compor o mundo, aprendendo a dar o mesmo valor às múltiplas formas de representação das nossas respostas ao mundo.

As atividades foram conduzidas através dos 3 (três) estágios que compõem o *Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos*: a (L)eitura, a (E)scrita e a (R)ecriação. No primeiro (L), pede-se ao sujeito a leitura de um texto, que no caso desta pesquisa foi representado pelo livro *Talentos Brasileiros* (PACHECO, 2002) servindo como *estímulo evocativo* conforme o conceito da psicologia antropológica de George e Louise Spindler (1987), estimulando o trabalhador a (E)scriver sobre o *sentido pessoal* da sua leitura em um *diário refletido*, através do que denominamos de *texto-sentido*. O texto-sentido visa a resgatar a escrita autêntica do escritor, abrindo canais para a revelação e expressão de sentimentos, pensamentos e idéias, convidando-o a (R)ecriar as suas experiências vividas, como possibilidade de compreensão do seu processo de constituição como sujeito participante de um contexto cultural (BRUNER 1997, 1999). A leitura do livro selecionado não é obrigatória, podendo o escritor optar por escrever diretamente sobre as suas experiências pessoais, prazerosas ou traumáticas.

## Resultados e Discussão

A partir do grupo conduzido por João de Arruda Câmara Rodrigues (RODRIGUES, 2003), verificou-se um processo grupal orientado positivamente, trazendo a emergência de categorias positivas, que foram trabalhadas no decorrer do tempo de realização do grupo e contribuíram para uma condição existencial mais saudável na experiência dos trabalhadores integrantes do grupo. Dentre as formas de expressão utilizadas pelos trabalhadores para comunicar os aspectos positivos e negativos, foram produzidos e compartilhados: conteúdos verbais, textos escritos, colagens, desenhos e poesias. As categorias que emergiram foram denominadas pelo pesquisador como: 1) “Autoconhecimento, aprendizagem e crescimento”, destacando-se uma aprendizagem centrada no desenvolvimento dos trabalhadores integrantes do grupo, de modo que os indivíduos percebessem, de modo crítico, o foco unicamente na execução correta de tarefas organizacionais, sendo registradas mudanças pessoais nas falas e escritas dos trabalhadores; 2) “Processo de mudança, resistências, medos, sofrimentos e motivações”, englobando nessa categoria a possibilidade de transformação dos indivíduos no contexto organizacional pesquisado, destacando-se uma superação de aspectos da personalidade “perdidos” diante de um acúmulo de inibições e dificuldades pessoais dos trabalhadores envolvidos no grupo pesquisado; 3) “Criatividade, liberdade e coragem de criar”, destacando, a partir do acompanhamento do grupo de trabalhadores, a necessidade da externalização da criatividade dos trabalhadores, de modo a se propor uma recriação da cultura organizacional pautada no reconhecimento das expressões humanas, de modo compreensivo das diferentes habilidades, atitudes e formas de pensar dos indivíduos; 4) “O sujeito sem julgamentos, em conexão consigo, com o outro e com a organização”, enfatizando-se nessa categoria a recuperação do pensamento reflexivo dos trabalhadores, de modo que estejam preparados para serem facilitadores, formadores e até educadores junto aos que compartilham o cotidiano de trabalho deles, criando assim um espaço no qual os integrantes do grupo de trabalho sintam-se motivados a utilizarem as potencialidades deles.

No contexto contemporâneo, percebe-se uma dinâmica nas relações capitalistas de produção, direcionadas às solicitações do mercado de trabalho,

sem atentar às necessidades humanas dos trabalhadores, de modo tal que as relações entre os indivíduos passam por uma modificação e “robotização”. Para uma compreensão psicológica desse fenômeno, parece-nos pertinente a corrente Humanista da Psicologia, denominada também como Terceira Força (MASLOW, 1973; FIGUEIREDO, 1991) que destaca aspectos positivos do desenvolvimento humano, ressaltando conceitos como liberdade, conscientização e experiência como elementos essenciais à condição existencial do homem. O contexto organizacional repercute na subjetivação dos indivíduos. Touraine (2003) define a subjetivação como processo para a emergência do sujeito pessoal e construção do seu espaço na sociedade por meio da livre comunicação e expressão da palavra e, portanto, um agir (re)criativo no mundo. Desse modo, podemos pensar em propor o espaço organizacional enquanto um contexto no qual, também, os sujeitos possam utilizar a liberdade pessoal para expressões autênticas e criativas no mundo.

O pensamento rogeriano humanista (ROGERS, 1997) aponta à concepção de uma orientação positiva do homem a partir do conceito de tendência atualizante. O referencial da Abordagem Centrada na Pessoa apresenta uma significativa contribuição ao priorizar as condições facilitadoras que fazem emergir e impulsionam a operacionalização dessa tendência. Conforme Rogers, todo sujeito é dotado de potencialidades voltadas para o desenvolvimento pessoal no empenho pela criação de uma “vida boa”. O contexto organizacional pode ser compreendido e utilizado pelos sujeitos enquanto espaços atualizadores.

Desse modo, no espaço de trabalho pode ser também vivenciada e experienciada uma “vida boa”, compreendendo tal vida como aquela que está sempre em processo, ou seja, sendo sempre constituída, a partir da experiência do sujeito no cotidiano dele. A experiência no contexto organizacional passa a ser mais uma dentre várias experiências possíveis nas vidas dos sujeitos. Na “vida organizacional”, assim como na vida distante do trabalho, o sujeito passa a agir sem defesas e sem medos, sem a necessidade de “máscaras”, porque passou a funcionar plenamente como ser humano. Nesse funcionamento pleno está a capacidade enquanto sujeito de sentir todas as emoções: amor, ódio, alegria, tristeza, raiva, pois não existe uma vida sem essas emoções. Tendo em vista que é possível que tais emoções também

perpassam pelo espaço organizacional, faz-se necessário que os sujeitos saibam equilibrar tais emoções e tenham consciência de que fazem parte de suas vidas. Ou seja, o contexto organizacional não constituído como um espaço privilegiado de máscaras e fachadas, onde não se é quem é, desenvolvendo assim uma capacidade de estésiar (DUARTE JR., 2001) a vida, dentro das possibilidades permitidas pelo espaço de trabalho, estendendo assim a vida experiencial também ao espaço de trabalho.

Destaca-se a necessidade de um novo humanismo, compreendido enquanto um reencontro dos indivíduos com as condições de seres humanos, de modo tal que os indivíduos não se tornem máquinas, robôs e escravos das relações capitalistas de produção. Para isso, é pertinente que os indivíduos desenvolvam plenamente as capacidades humanas de viver uma vida sem defesas e sem os bloqueios do dia-a-dia, de modo tal que seja possível um sentir distanciador da anestesia. Desse modo, através de um clima de aceitação, autenticidade e empatia, o indivíduo passa a implicar-se no processo de tornar-se pessoa, de ser o que é, de forma que a vida siga seu curso natural. E tendo em vista que o curso da vida é direcionado a uma plenitude no campo inter-relacional (ROGERS, 1993), podemos refletir acerca do espaço de trabalho como uma possibilidade de ampliação dos campos inter-relacionais do sujeito e não como um espaço no qual se limitam e se fecham, ou seja, é possível transcender ao espaço anestesiado organizacional, no qual os sentidos humanos são suprimidos. Sendo assim, o espaço de trabalho pode ser perpassado por experiências legítimas dos sujeitos, de modo tal que seja possível a construção de uma coletividade na qual também seja possível aos sujeitos se auto-atualizarem.

A orientação positiva proposta por Carl Rogers faz-se presente em abordagens individuais e de grupos. O grupo apresenta-se como um lugar privilegiado à troca de experiências, de modo que os participantes auxiliam-se mutuamente. O processo grupal possibilita o envolvimento dos participantes através de um elo que se estabelece nas interações, em espaços intersubjetivos (LANE, 1981). A condição de implicação mútua na esfera do *entre* é o que possibilita a transformação pessoal e mobiliza a mudança social. Tendo em vista que no espaço de trabalho há a possibilidade de intersubjetivações, é interessante que pensemos na possibilidade de criar laços



intersubjetivos entre os integrantes de espaços organizacionais. Nesse sentido, diante da proposta de um processo grupal engrandecedor aos sujeitos, destaca-se a compreensão dos grupos como constituintes de uma comunidade que se relaciona a partir das lentes da cultura pelas quais as pessoas enxergam o mundo (CAVALCANTE JR., 1999b).

O espaço de trabalho pode ser utilizado tanto de uma forma potencialmente opressora e manipuladora (um espaço patológico), como em um espaço criativo e autêntico (psicologicamente saudável). Saúde psicológica significa flexibilidade, opondo-se à rigidez (FORGHIERI, 1993). Ao fixar-se numa postura patológica repetitiva e paralisada de anestesia, os indivíduos podem se perceber impedidos de exercerem as múltiplas possibilidades de uma vida boa; a tendência atualizante encontra-se com seu funcionamento comprometido na patologia (ROGERS, 1997). Na concepção rogeriana positivamente orientada, garante-se o apreço das experiências do outro independente de quaisquer condições, para que haja a compreensão mais realista de sua experiência – denominada compreensão empática, ou seja, na atualidade se faz necessário que as experiências no espaço organizacional sejam compreendidas, de modo a levar-nos a uma mais ampla compreensão de como ocorrem os processos de subjetivação no contexto organizacional.

### **Considerações finais**

Podemos verificar que por meio do exercício constante de ler o mundo e de ler a si mesmo, a participação de trabalhadores em Círculos de Letramentos, conforme a proposta de pesquisa-ação do tipo etnográfico aqui apresentada, configura-se como uma iniciativa de relevância social, que visa a prevenção das múltiplas patologias que vêm sendo construídas em vários contextos brasileiros. O presente trabalho deseja contribuir para a construção de uma prática psicoeducativa saudável e despatologizante, que possibilite ao sujeito a compreensão e superação das forças opressivas que o impede de ser livre e construtor da sua própria subjetivação. Programas de letramentos são ferramentas imprescindíveis no alcance dos desafios propostos na mudança de um país.

A expressão da palavra, compreendida como sendo o próprio sujeito em expressão de si mesmo, a partir da concepção de Touraine (1999) de que o “sujeito é palavra” (p. 95), leva-nos a concluir, com o argumento deste mesmo pensador, que “o sujeito não tem outro conteúdo que a produção dele mesmo” (p. 23). Portanto, precisa tomar consciência de que a transformação das suas experiências num ato de significação a si mesmo, como ator da sua própria história, é o caminho para que venha a *sentir-se-com-o-mundo*, conforme a nossa proposta de uma prática de letramentos múltiplos (CAVALCANTE JR., 2003). Mundo e sujeito (trabalhador) transacionam em uma relação construtiva e transcendente ao único eu (relação intra-subjetiva) em uma relação com um tu (inter-subjetiva).

No Método *(Con)texto de Letramentos Múltiplos*, recorreremos à palavra, compreendida como sendo “a base da vida interior” (BAKHTIN, 1929/1999, p. 52) do sujeito que, por sua vez, tem a capacidade de fazer uso de signos como a escrita, a pintura, a música, dentre outros, para expressar a riqueza dessa vida interior. No entanto, experiências no contexto brasileiro apontam que a expressão dessa interioridade nem sempre encontra espaço para a sua externalização. Empobrecidos de capacidades (SEN, 2000), ainda são muitos os que, no Brasil, passam pelo mundo, mas não deixam o mundo passar por dentro de si, ou seja, não se implicam na escrita e leitura de si mesmos neste mundo (CAVALCANTE JR., 2003).

Toda experiência vivida (DEWEY, 1938/1971), ou atividade mental – como prefere Bakhtin (1929/1999) –, tem um grande potencial para ser compreendida e expressada. Enfaticamente, este autor afirma que “toda atividade mental é exprimível, isto é, constitui uma expressão potencial” (BAKHTIN, 1929/1999, p. 51). Porém, é fundamental destacar que a “atividade mental não é visível nem pode ser percebida diretamente” (p. 61), mas pode ser expressa através de signos lingüísticos, e “o signo interior por excelência é a palavra, o discurso interior” (p. 62).

A concepção de palavra em Bakhtin é o resultado da transação leitor-mundo e, segundo ele, “somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou vivenciais” (p. 95), elucidando a máxima, apresentada nas palavras de Eisner (1998), de que os cérebros são biológicos e determinados pela natureza, enquanto a constituição da mente humana é o

resultado das experiências culturais na relação sujeito-mundo, aqui denominada de *sentir-se-com-o-mundo*.

Democratizar o acesso de trabalhadores brasileiros ao mundo plural de linguagens não é somente um compromisso ético e estético perante a faculdade humana na construção de novos sentidos criativos. Implica, diretamente, assumirmos uma motivação concreta para o desenvolvimento sustentável do nosso país que depende das mentes que o fazem, influenciam e governam.

O conceito de desenvolvimento, que estamos aqui empregando, deve ser compreendido “como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam”, conforme defendido por Sen (2000, p. 17), que adverte: “(...) as capacidades que uma pessoa realmente possui (e não apenas desfruta em teoria) dependem da natureza das disposições sociais, as quais podem ser cruciais para as liberdades individuais” (p. 326-327).

É mister, portanto, termos consciência de que uma cultura, no caso específico a brasileira, “cria as formas que os humanos utilizam para darem expressão para o que eles imaginam, compreendem e sentem” (EISNER, 1998, 2002, p. 45, tradução nossa). É nessa produção de culturas que se insere as contribuições de processos estéticos (sentidos) de leitura-escrita.

Objetivando, desse modo, resgatar e promover o discurso interior (palavra) do brasileiro, o *Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos* vem sendo aplicado, como um compromisso para a liberdade de expressão do sujeito em reação aos textos lidos em suas transações com a palavra e o mundo que o cercam, bem como a composição deste mundo por meio de “uma expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc.)” (BAKHTIN, 1999, p. 118), ou seja, de qualquer veículo de tradução de sentidos, inerente a cultura do sujeito, também, novas formas apreendidas nos grupos heterogêneos dos Círculos de Letramentos.

## **Referências bibliográficas**

ARAÚJO, M. *A emergência do sujeito na sala de aula: a relevância do método (con)texto na promoção da leitura estética e da escrita espontânea*. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2003.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOLTON, G. *The therapeutic potential of creative writing: Writing myself*. London: Jessica Kingsley Publishers, 1998.

BOLTON, G. Stories at work: Reflective writing for practioners. *The Lancet*. [s.n.sd.], 354 (9174), 243-245, 1999.

BRAGA, L. *O letramento como proposta de transformação da prática pedagógica*. Fortaleza: Mauro Moraes, 1999.

BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRUNER, J. *A cultura da educação*. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

CAVALCANTE JR., F. Círculo de Letramentos: uma prática de terapia cultural. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v.17 (1/2) v.18 (1/2), p. 14-22, jan./dez. 1999/2000.

CAVALCANTE JR., F. *O método (con)texto na escola do sujeito: a experiência de ler, escrever e avaliar de alunos no ensino superior*. Fortaleza: Editora da UNIFOR, 2000.

CAVALCANTE JR., F. *Por uma escola do sujeito: o método (con)texto de letramentos múltiplos*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

CAVALCANTE JR., F. & SILVA, R. Programa educação para a vida: jornal e letramento na escola e na comunidade. In: II Jornadas de Educação a Distância do Mercosul, 1999, Fortaleza. *Anais o presente e o futuro da EAD no Mercosul: cenários e experiências*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1998. p. 320-326.

D'AGUIAR, K. *Do coração do aluno ao texto-sentido: entrelaçando as experiências de escrever de jovens universitários*. 188 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Fortaleza, Universidade de Fortaleza, 2002.

DE PAULA, L. *A voz e vez de Paulo: narrativa (auto)biográfica da construção do professor leitor-autor*. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Fortaleza, Universidade de Fortaleza, 2003.

DELGADO-GAITAN, C. *Protean literacy: extending the discourse on empowerment*. Washington, DC: The Falmer Press, 1996.

DEWEY, J. *Experiência e educação*. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. (Texto original publicado em 1938).

DIMENSTEIN, G. & ALVES, R. *Fomos maus alunos*. Campinas: Papyrus, 2003.

DUARTE JR. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2001.

EISNER, E. *The kind of schools we need: Personal essays*. Porstmouth, NH: Heinemann, 1998.

FIGUEIREDO, L. C. M. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes; 1991.

FORGHIERI, Y. C. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo: Pioneira; 1993.

FREIRE, P. Reading the world and reading the word: An interview with Paulo Freire. *Language Arts*, 62 (1), 15-21, 1985.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. 28. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, P. & MACEDO, D. *Literacy: Reading the word and the world*. South Hadley, MA: Bergin & Garvey Publishers, 1987.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTP, 1989.

GLESNE, C., & PESHKIN, A. *Becoming qualitative researchers: An introduction*. White Plains, NY: Longman, 1992.

GREENHALGH, T. Writing as therapy. *British Medical Journal*, 319 (7205), 270-271, 1999.

LANE, S. T. et al. Uma análise dialética do processo grupal. *Cadernos de Psicologia*, PUC, Psicologia; 1981; 11: 79-98.

LEYENFUS, Rosane S. & SOARES, Dulce H.P. (Orgs.) *Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. Porto Alegre: Arte Médica, 2002.

MASLOW, A. H. *Introdução à psicologia do ser*. 2. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

MCDERMOTT, R. & VARENNE, H. Culture as disability. *Anthropology and Education Quarterly*, [S.l..s.n.], 26 (3), 324-348, 1995.

PENNEBAKER, J. *Opening up: the healing powers of expressing emotion*. New York: Guilford Press, 1997.

PACHECO, F. *Talentos brasileiros*. São Paulo: Negócio, 2002.

RODRIGUES, J. *O desenvolvimento dos gestores através do método (con)texto de letramentos múltiplos: promovendo conexões*. 161 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2003.

ROGERS, Carl R.. *Tornar-se pessoa*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1997.

\_\_\_\_\_. *Um jeito de ser*. São Paulo: EPPU; 1993.

SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, E. *Medos e desejos de um noviço: um estudo de caso de opção vocacional à vida religiosa*. 138 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2002.

SMYTH, J. Effects of writing about stressful experiences on symptom reduction in patients with asthma or rheumatoid arthritis. *JAMA*, [S.l.s.n.], 281 (14), 1304-1309, 1999.

SPINDLER, G. & SPINDLER, L. Cultural dialogue and schooling in Schoenhausen and Roseville: A comparative analysis. *Anthropology & Education Quarterly*, [S.l.s.n.], 18 (1), 3-16, 1987.

STRINGER, E. *Action research*. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1999.

TOURAINÉ, A. *Podemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Trad. Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1999.

WOLCOTT, H. *Ethnography: A way of seeing*. Walnut Creek: AltaMira Press, 1999.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado e indicado para publicação pelo comitê científico do I Encontro Internacional Trabalho e Perspectivas de Formação dos Trabalhadores - LABOR/UFC, realizado nos dias 07 a 09 de Setembro de 2006, em Fortaleza – Ceará – Brasil.

<sup>2</sup> Psicólogo, Mestre em Educação Especial e Ph.D. em Leitura e Escrita pela *University of New Hampshire*, EUA. Professor titular do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. cjunior@unifor.br

<sup>3</sup> Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP. msgondim@hotmail.com

<sup>4</sup> Plano Ibero-americano de Leitura do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e no Caribe - CERLACL, pertencente a UNESCO, o prêmio foi ganho com o trabalho *Programa Letramentos Múltiplos para Itapajé*.

Artigo recebido em 12/03/2008. Aprovado em 20/05/2008.